

A PESQUISA EM TRADUÇÃO LITERÁRIA NA UFJF¹

Profa. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira²

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade abordar alguns dos trabalhos em torno da tradução literária que vêm sendo realizados na Universidade Federal de Juiz de Fora, no âmbito do Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução/Inglês e do Mestrado em Letras – Teoria da Literatura. Esses trabalhos se reúnem em torno do projeto de pesquisa “Traduções Literárias: Jogos de Poder entre Culturas Assimétricas”, por mim coordenado. Esse projeto, por sua vez, faz parte do projeto integrado de pesquisa chamado A Questão Identitária: Mediações Literárias e Tradutórias, que, em linhas gerais, visa a uma reflexão sobre a maneira através da qual escritores e tradutores literários contribuem para a construção da identidade de povos e grupos frequentemente considerados minoritários do ponto de vista lingüístico, cultural, político, histórico, geográfico ou de gênero.

No que diz respeito especificamente ao meu projeto, ele se insere no contexto dos estudos historiográficos da tradução, procurando revelar o quanto a atividade tradutória é condicionada por fatores de ordens diversas – políticos, econômicos, sociais, religiosos, etc. – e apontando para o quanto a pesquisa nessa área é útil para uma compreensão mais abrangente das relações de poder estabelecidas nos contextos em que as traduções são realizadas e entre esses contextos e o da cultura dos originais. Nesse projeto, procuro, entre outras coisas, focalizar escritores que desempenharam a função de tradutores e editoras que se abriram a publicações de traduções. Os principais conceitos operacionais dos quais me sirvo são os de polissistema (Itamar Even-Zohar, 1979, 2001), manipulação (Theo Hermans, 1985), reescritura (Susan Bassnett e André Lefevere, 1995; André Lefevere, 1992), patronagem (André Lefevere, 1992), invisibilidade do tradutor (Lawrence Venuti, 1995) e domesticação e estrangeirização (Lawrence Venuti, a partir de Friedrich Schleiermacher, 1995 e 2002).

São os seguintes os trabalhos que, até o momento, se reúnem em torno do projeto “Traduções Literárias: Jogos de Poder entre Culturas Assimétricas”:

TÍTULO DO TRABALHO	FINALIDADE DO TRABALHO	ANO DE CONCLUSÃO
<i>A Voz da Mulher no Contexto Tradutório: Análise da Tradução de "Bliss", de Katherine Mansfield, para o Português, por Ana Cristina Cesar</i>	Dissertação de mestrado	Em andamento
<i>For Whom the Bell Tolls, de Ernest Hemingway, e suas traduções no contexto brasileiro</i>	Dissertação de mestrado	2004
<i>A Editora Monterrey e a Tradução no Formato de Livros de Bolso no Contexto da Editora Monterrey</i>	Monografia de bacharelado	2004
<i>Érico Veríssimo em tradução: "Bliss" X "Felicidade"</i>	Monografia de bacharelado	2004
<i>Vestido de Noiva, de Néelson Rodrigues, no Contexto Norte-Americano</i>	Monografia de bacharelado	2004
<i>The Bluest Eye x O Olho Mais Azul: O African American Vernacular English em Tradução</i>	Monografia de bacharelado	2004

1 Este artigo é uma versão do texto que foi apresentado na mesa-redonda intitulada “Tendências Contemporâneas da Pesquisa em Tradução Literária”, realizada durante o III Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (III CIATI), ocorrido em maio de 2004, no Centro Universitário Ibero-Americano (UNIBERO), de São Paulo.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Responsável pelo Curso de Bacharelado em Letras: Ênfase em Tradução/Inglês da UFJF.

<i>A Editora Globo nas Décadas de 60 e 70 do Século XX</i>	Monografia de bacharelado	2002
<i>A Revolução dos Bichos: Tradução e Manipulação durante a Ditadura Militar no Brasil</i>	Monografia de bacharelado	2002
<i>As Traduções de Rachel de Queiroz nas Décadas de 60 e 70 do Século XX</i>	Monografia de bacharelado	2002
<i>Monteiro Lobato, o Tradutor</i>	Monografia de bacharelado	2002
<i>O Livro de Falas, de Edimilson de Almeida Pereira: Jogos de Força nos Contextos Brasileiro e Norte-Americano</i>	Monografia de bacharelado	2002
<i>Tenda dos Milagres/Tent of Miracles: A Tradução como Processo de Mediação Cultural</i>	Monografia de bacharelado	2001

A exigüidade de espaço não me permite abordar a pesquisa em sua totalidade. O que vou fazer, portanto, é lançar um olhar sobre os resultados de três desses trabalhos, que investigaram a tradução nas décadas de 60 e 70 do século passado: *As Traduções de Rachel de Queiroz nas Décadas de 60 e 70 do Século XX*; *A Editora Globo nas Décadas de 60 e 70 do Século XX* e *A Revolução dos Bichos: Tradução e Manipulação durante a Ditadura Militar no Brasil*. Esses trabalhos foram apresentados pelos seguintes e respectivos alunos para fins de obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução/Inglês: Erika Faria Dias, Newton Tavares da Silva Filho e Christian Hygino de Carvalho.

1. OS BASTIDORES POLÍTICOS NAS DÉCADAS DE 60 E 70

Segundo Júlio Chiavenato, em *O Golpe de 64 e a Ditadura Militar* (1994), uma análise mais detalhada do governo João Goulart pode esclarecer os principais motivos que levaram ao golpe de 64. As elites brasileiras enriqueceram-se às custas do povo e entregando o controle da nossa economia a grupos multinacionais. Como o governo de Jango era popular, essa elite o considerava perigoso e uma ameaça à sua classe. Portanto, era necessário criar um clima que apresentasse o governo como subversivo e antipatriótico. Assim, para desestabilizar o seu governo foi montado um complexo dispositivo político com apoio financeiro do governo dos EUA, interessados em não perderem o controle dos rumos do país no período da guerra fria. Além disso, os EUA apoiaram o golpe militar de 1964 e sustentaram, através de inúmeras ações e elevadas somas de dinheiro, os ideais da ditadura militar.

Através dessa ajuda, duas instituições civis foram criadas: o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), que atuou de 1959 a 1963, e o Ipês (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais), que atuou de 1961 a 1972. Por compartilharem opiniões e objetivos políticos, os dois institutos se uniram em 1962, no que ficou conhecido o complexo Ipês-IBAD. Ambos os institutos eram grupos de ação empresarial que visavam a estimular em todo país uma reação à expansão do comunismo na América Latina através de Cuba. A sede do complexo se encontrava na cidade do Rio de Janeiro, com filiais em Porto Alegre, Santos, Belo Horizonte, Curitiba e Manaus.

Além desses dois órgãos, a parte conservadora da igreja e os políticos da direita trabalharam juntos em uma campanha política-ideológica que visava a manipular a opinião pública contra o governo do presidente João Goulart. Por outro lado, vários foram os intelectuais brasileiros que, remunerados, ou, nos termos de Venuti, patrocinados, por esses dois institutos, ajudaram a fazer propaganda da ideologia que conduziu ao golpe e o sustentou, estando entre eles Augusto Frederico Schmidt, Wilson Figueiredo, Rachel de Queiroz, Nélide Piñon, Odylo Costa Filho e José Rubem Fonseca. Havia também, operando em território nacional, uma série de agentes e agências do governo norte-americano, cujas reais atividades estavam voltadas para a desestabilização de Jango e o apoio aos militares.

A elite orgânica do Ipês foi estruturada através de uma cadeia de unidades operacionais denominadas Grupos de Ação e Estudo. Cada um desses grupos tinha os seus objetivos bem traçados, mas o que mais me interessa mencionar é o GPE (Grupo de Publicações/Editorial). Sob a orientação do general Golbery do Couto e Silva e a supervisão do escritor José Rubem Fonseca, o GPE conduziu uma campanha de guerra psicológica contra o governo Jango, através da publicação de material na imprensa falada e escrita. Esse grupo estava diretamente ligado ao GOP (Grupo de Opinião Pública), que era responsável pela disseminação e distribuição de todo material impresso pelo GPE.

Armand René Dreifuss, no livro *1964: A Conquista do Estado: Ação, Política, Poder e Golpe de Classe* (1981), reproduziu uma carta de Garrido Torres, membro do Ipês, para o comitê diretor desse instituto, datada de maio de 1962, na qual ele comentava sobre a necessidade de divulgação de uma literatura democrática que alertasse os leitores de todas as camadas sociais contra os males e mitos da doutrina socializante de Jango. Dessa forma, segundo Torres, o GPE deveria ter três objetivos:

Em primeiro lugar [...] ‘plantar’ nos jornais e revistas do país artigos que tratassem de temas de atualidade em linguagem acessível ao grande público [...] O segundo consistiria na publicação de folhetos [...] para divulgação farta junto a estudantes, militares, operários e empregados de escritório em geral. O último ponto diz respeito à conveniência de se promover a publicação de bons livros dentro de uma linha democrática moderna, que conceba a democracia tanto sob aspectos econômico e social (TORRES citado por DREIFUSS, 1981).

Para sustentar todo esse aparato anticomunista o complexo Ipês-IBAD mantinha, como já mencionado, grupos de redatores que manipulavam notícias e propagandas a serviço do golpe, sendo que Rachel de Queiroz estava entre eles. No livro de Dreifuss, encontra-se ainda uma carta do capitão Heitor de Aquino Ferreira (secretário do general Golbery, chefe do Ipês), na qual ele mencionou nomes de obras e autores publicados pelo órgão. Como podemos observar, o nome de Rachel de Queiroz é mencionado: “Temos imprimido nós mesmos e encaminhado para editores amigos várias obras de grande valor como propaganda democrática anticomunista [...] Rachel de Queiroz, “Crônicas Engajadas”; George Orwell, “Animal Farm” e várias outras (FERREIRA citado por DREIFUSS, 1981).

É importante ressaltar que alguns dos associados do Ipês eram proprietários, diretores ou estavam ligados a empresas de publicação e companhias editoriais. Por isso, eles colocavam à disposição do órgão toda a sua infra-estrutura comercial e técnica, equipamento e pessoal. Tanto a Editora José Olympio quanto a revista *O Cruzeiro*, para as quais a escritora Rachel de Queiroz trabalhou por muitos anos, colaboraram com o Ipês. Dreifuss citou essas duas empresas em uma lista de contribuintes do Ipês. A Editora Globo, que também será alvo de nossa atenção, foi outra das diversas empresas editoriais que colaboraram com o Ipês.

2. RACHEL DE QUEIROZ, TRADUTORA

A prática tradutória de Rachel de Queiroz, iniciada na década de 30 e findada na década de 70 do século XX, contribuiu para a mudança de língua cultura no Brasil. O período mais intenso de sua atividade tradutória aconteceu na década de 40, quando foram publicados 60% dos livros por ela traduzidos, ou seja, 31 livros. Desses 31 livros, 22, cerca de 71%, foram traduzidos a partir da língua inglesa, estando entre os seus autores Jane Austen e Emily Brontë. No entanto, interessa-me, nesse momento, abordar a sua atuação como tradutora nas décadas de 60 e 70 do século passado, quando o Brasil viveu os piores anos da censura da ditadura militar, que aqui se instalou em 1964.

Desde o início de sua carreira, Rachel de Queiroz teve uma vida política muito atuante. Em 1931, ela ajudou a fundar o Partido Comunista no nordeste, tendo chegado a ser presa por três meses por causa de sua militância. No entanto, ela abandonou o partido mais tarde porque seus dirigentes tentaram censurar uma de suas obras. Em seguida, ela se ligou ao grupo trotskista que militava em São Paulo durante o Estado Novo. Nessa época, exemplares de seus romances foram queimados por serem considerados subversivos. Rachel de Queiroz se afastou da militância

esquerdista em 1940. Na década de 60, ela, que não deixara de publicar romances, contos e crônicas, viria novamente a se manifestar politicamente, dessa vez demonstrando tendências diferentes das anteriores. Nesse período, ela se juntou a vários amigos na campanha anticomunista que desestabilizou o governo de João Goulart e conduziu ao golpe militar de 1964. Embora negue uma participação ativa na campanha político-ideológica que foi montada pelo complexo Ipês-IBAD para derrubar o então presidente, há várias evidências que atestam a militância de Rachel de Queiroz, através, inclusive, da publicação de crônicas que divulgavam o ideal capitalista e abalavam a imagem das reformas pretendidas por Jango.

No livro de memórias que publicou juntamente com sua irmã, a própria Rachel de Queiroz reconheceu que:

...o que fazíamos era conspiração mesmo: saber onde estava a tropa, o que tinha havido, se o coronel fulano de tal tinha se manifestado [...] era conversa de conspiração no duro. Naturalmente que comigo eles não se abriam ou se aprofundavam muito. Eles me usavam como jornalista, eu opinava muito e era muito lida. Mas os trâmites secretos da conspiração eu não me metia a saber. Mesmo porque não eram da minha alçada. [...]. Nunca se chegava aos detalhes militares. Mas o lado político, de pregação, de jornalismo de combate, de artigos de encomenda, de nos trazerem assunto para a gente falar, isso era o nosso trabalho (QUEIROZ, 1998: 204).

Durante as décadas de 60 e 70, Rachel de Queiroz traduziu apenas oito livros, no entanto, nesse pequeno intervalo de tempo, 1963 a 1972, ela trabalhou para três editoras diferentes: a José Olympio, que fizera contribuições para o complexo Ipês-IBAD; a Delta e a Ediouro. Através de análises de *Minha Vida*, autobiografia de Charles Chaplin, da José Olympio; de *Os Carolinos: Crônicas de Carlos XII*, de Vernon von Heidenstam, da Delta, e de *O Lobo do Mar*, de Jack London, da Ediouro, chega-se à conclusão de que tais obras, embora visassem precipuamente ao entretenimento, veiculavam padrões de comportamento ideológicos que interessavam aos articulados e sustentadores do golpe de 64. *Minha Vida*, publicado em 1965, exaltava a prosperidade da nação norte-americana e a perspectiva de sucesso contemplada por seus imigrantes, ao mesmo tempo em que apontava para o fracasso a que estariam fadados os que cedessem às investidas comunistas. *Os Carolinos: Crônicas de Carlos XII*, publicado em 1963, fazia pregações contra a nação russa, principalmente o seu ateísmo, enquanto *O Lobo do Mar*, já de 1972, exaltava a visão de que o caráter de uma pessoa e, por analogia, de um povo só se molda através de um período de submissão a um regime rigoroso, de severas regras de conduta, após o qual a recompensa é o sucesso, o bem-estar.

3. A ATUAÇÃO DA EDITORA GLOBO E A TRADUÇÃO DE ANIMAL FARM

Especificamente durante os anos da ditadura militar, a Editora Globo alcançou o ápice como empresa editorial. Assim como a José Olympio Editora, a Globo também financiou a atuação do complexo Ipês-IBAD na campanha contra a ameaça comunista representada pelo governo de João Goulart. Como recompensa, ela assinou contratos com o Ministério da Educação para a distribuição de livros didáticos para minibibliotecas a serem criadas nas escolas de 1º. e 2º. graus do território nacional. Esses contratos eram financiados por verbas do governo norte-americano, que subvencionava a Comissão do Livro Técnico de Didático (COLTED), responsável por esse programa de divulgação de conhecimento. Foi através desse programa de cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos que a indústria editorial brasileira recebeu uma das maiores injeções de dinheiro por parte do governo norte-americano.

A família Bertaso, que dirigiu a empresa até 1986, ano em que, através de negociações, passou o controle às Organizações Globo, tinha uma posição política contrária ao totalitarismo e era adepta da democracia ocidental, segundo relatos encontrados no livro *A Globo da Rua da Praia* (1993), de José Otávio Bertaso. No início da década de 60, em plena agitação política causada pela renúncia de Jânio Quadros, com grande parte da população imbuída de um sentimento anticomunista, essa editora publicou, entre outros títulos, *A Revolução dos Bichos (Animal Farm)*, de George Orwell, uma sátira da revolução russa; *O Retrato*, de Osvaldo Peralva, narrando a história do Partido Comunista Brasileiro, e *O Zero e o Infinito (Darkness at Noon)*, de Arthur Koestler, no qual o

autor, ex-marxista e ex-comunista, relata a vida de um homem, N. S. Rubachov, vítima dos Processos de Moscou. Essas publicações fornecem mais evidências para a alegação de que tal editora se rendeu, por motivos de ordem econômica, aos ideais que conduziram ao golpe militar de 1964, assim como o fizeram várias outras editoras brasileiras no período.

Em seu livro, Bertaso não menciona textualmente as relações da Editora Globo com o complexo Ipês-IBAD no processo de desestabilização do governo Jango. No entanto, o esforço de colaboração da Editora Globo na campanha contra o comunismo faz-se perceber nesse livro quando, discretamente, Bertaso diz que “para encerrar a nossa campanha anticomunista, publicando livros de autores que haviam mergulhado na ideologia marxista – segundo as sucessivas versões lenista, trotskista e stalinista – e dela havia emergido, resolvemos publicar Conversações com Stálin, de Milovan Djilas” (1993:178).

Entre 1960 e 1979, de acordo com a teoria dos polissistemas de Even-Zohar (1979), a literatura traduzida assumiu uma posição primária no contexto da Editora Globo. Dessa forma, dos 253 títulos publicados no período mencionado, 130 foram de títulos traduzidos e 123 de títulos nacionais, o que representa, respectivamente, 51% e 49% do total de livros publicados por essa editora no período em questão. Devido ao momento político no qual se encontrava o país na década de 60, é fácil perceber que os autores nacionais – por estarem exilados, presos ou temerosos – não podiam expressar livremente suas idéias, o que reduzia em muito o volume das obras publicadas originalmente em português do Brasil. Por outro lado, as verbas injetadas pelo governo norte-americano no mercado editorial brasileiro também contribuíram para o aumento de publicações de traduções de autores de língua inglesa. Sessenta por cento dos livros traduzidos pela Editora Globo entre 1960 e 1979 foram originalmente escritos em língua inglesa.

Nesse contexto, as traduções de clássicos e bestsellers foram a melhor opção de mercado, principalmente para editoras como a Globo, que, há muito tempo vinha investindo na literatura traduzida. Além disso, a Editora Globo ainda contava com nomes de importantes escritores no quadro de tradutores (Mário Quintana, Paulo Rónai, Manuel Bandeira, Lourdes de Alencar, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira, entre outros), o que garantia a qualidade do trabalho e fazia com que o investimento por ela feito valesse o risco.

Um dos livros que foram traduzidos com o propósito de fazer propaganda contra o comunismo foi, como já mencionado, *Animal Farm*, de George Orwell, publicado pela Editora Globo, em 1964. *Animal Farm* é um livro que aborda metaforicamente questões relacionadas à Revolução Russa de 1917, enfatizando a deturpação de seus ideais, promovida por Stálin. Ele narra a história de uma fazenda onde os animais, descontentes com os donos da mesma, os expulsam da terra, para, em seguida, criarem uma sociedade igualitária. Mais tarde, os porcos, líderes da rebelião e mais inteligentes e ambiciosos que os demais animais, acabam criando um governo mais ditatorial e tirânico do que aquele anteriormente praticado pelos humanos. Devido ao tema abordado, os patrocinadores do Ipês acharam por bem subvencionar e publicar a tradução desse livro, levada a cabo por Heitor Ferreira de Aquino, na época capitão do Exército, professor no Colégio Militar e auxiliar do general Golbery do Couto e Silva, chefe do Ipês.

Uma série de análises dos paratextos de *A Revolução dos Bichos* corrobora o papel de instrumento formador de opiniões que a literatura traduzida pode vir a exercer dentro do sistema literário a que pertence e em relação aos outros sistemas que compõem a sociedade como um todo. Nesse sentido, o texto que pode ser identificado como a apresentação de *Revolução dos Bichos* (1971), ao afirmar que Orwell, utilizando “animais para figurar as fraquezas humanas” (meu grifo), deixou registrado em seu livro “um dos mais sarcásticos depoimentos sobre o chamado paraíso comunista” (meu grifo), demonstra claramente o interesse dos patrocinadores da tradução de fazerem com que um dos primeiros contatos do leitor com o texto seja intermediado pela visão do comunismo que lhes convém. Tal propósito fica ainda mais explícito no trecho em que o autor do texto diz que “através da caricatura, [Orwell] analisa impiedosamente os rumos equívocos do processo revolucionário, [...] buscando fundar uma sociedade ideal, que cedo se vê traída pela

opressiva atuação dos novos dirigentes” (meus grifos).

A escolha do título da tradução de *Animal Farm – A Revolução dos Bichos* – também demonstra o propósito de manipulação da informação contida no original. A utilização dos substantivos “revolução” e “bichos” revela o caráter de crítica política pretendida pelos patrocinadores dessa tradução, revestindo o texto com as peculiaridades históricas do contexto brasileiro no momento daquela publicação.

PARA TERMINAR

É minha expectativa que esse artigo, no qual se encontram reunidas conclusões de algumas pesquisas em torno da tradução literária realizadas sob minha orientação no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora, desvele a tradução como uma importante atividade de controle político-ideológico e os estudos da tradução como um meio através do qual é possível compreender as relações de poder existentes no contexto da tradução e aquelas estabelecidas por esse contexto com aqueles de onde provêm os textos originais. Afinal, como afirmei alhures e repito em minhas aulas, toda tradução carrega traços da ideologia que a condicionou; jamais se traduz aleatória e impunemente.

REFERÊNCIAS

- BASSNETT, Susan, LEFEVERE, André. *Translation, history & culture*. London: Cassell, 1995.
- BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.
- CARVALHO, Christian Hygino de. *A Revolução dos Bichos: tradução e manipulação durante a ditadura militar no Brasil*. Juiz de Fora. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-Ênfase em Tradução/Inglês).
- CHAPLIN, Charles. *Minha vida*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CHIAVENATO, Júlio José. *O golpe de 64 e a ditadura militar*. São Paulo: Moderna, 1994.
- DIAS, Erika Paula Faria. *As traduções de Rachel de Queiroz nas décadas de 60 e 70 do século XX*. Juiz de Fora: Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-ênfase em Tradução/Inglês).
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe*. Petropolis: Vozes. 1981.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem theory*. In: POETICS today, Tel Aviv, v 1, n.1/2, 1979. p.287-310.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *The position of translated literature within the literary polysystem*. In: VENUTI, Lawrence. *The translation studies reader*. London: Routledge, 2001. p. 192-197.
- HEIDNSTAM, Vernon von. *Os Carolinos: crônicas de Carlos XII*. Rio de Janeiro: Delta, 1963.
- HERMANS, Theo. *The manipulation of literature: studies in literary translation*. London: Croom Helm, 1985.
- LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge. 1992.
- LONDON, Jack. *O lobo do mar*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Ediouro, 1972.
- OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de Oliveira et al. *Traduções literárias: jogos de poder entre culturas assimétricas*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2002. 1 CD- ROM (III Semana do Professor do ICHL).
- ORWELL, George. *A Revolução dos bichos*. Trad. Heitor Ferreira. Porto Alegre: Globo, 1971.
- QUEIROZ, Rachel de, QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos Anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.
- TAVARES FILHO, Newton. *A Editora Globo nas décadas de 60 e 70 do século XX*. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFJF, 2002. (Monografia de conclusão do Bacharelado em Letras-Ênfase em Tradução/Inglês).
- VENUTI, Lawrence. *Translator’s invisibility: a history of translation*. New York: Routledge, 1995.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução*. Trad. Laureano Pelegrin et al.. Bauru: EDUSC, 2002. p. 129-167.

